



GT 4: LITERATURA COMPARADA E INTERCULTURALIDADE

A MULHER POPULAR E O ESTIGMA DA ASCENSÃO SOCIAL NA TELEDRAMATURGIA: ANÁLISE CRÍTICA DE MARIA DO CARMO EM RAINHA DA SUCATA

Júlia Maria Nascimento Maciel, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
Flávia Tavares da Costa Ramos, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

RESUMO

Esta pesquisa propõe uma análise crítica da personagem Maria do Carmo na telenovela Rainha da Sucata (1990), compreendendo-a como figura novelesca que dramatiza as tensões simbólicas da chamada “nova riqueza” no Brasil da década de 90. Ao deslocar a telenovela para o campo da teoria literária, adota-se a perspectiva de Bakhtin (1988), Auerbach (2007) e Antonio Candido (2000), reconhecendo a narrativa televisiva como forma estética e discursiva dotada de densidade crítica. A fundamentação teórica ancora-se nos conceitos de capital, distinção e habitus de Bourdieu (2008), nas reflexões de García Canclini (1997) sobre consumo e pertencimento, e na abordagem de Hall (2003) quanto à construção midiática das identidades. Com metodologia qualitativa e interpretativa, de inspiração analítico-discursiva, a investigação centra-se na análise de cenas selecionadas que evidenciam a performatividade da riqueza e os conflitos entre diferentes frações de classe. Os resultados indicam a construção de uma identidade liminar, simultaneamente celebrada e estigmatizada. Conclui-se que a telenovela, enquanto narrativa ficcional, funciona como instância produtora de sentidos sobre mobilidade social, exclusão e prestígio no imaginário brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Telenovela; Performatividade; Ascensão Social; Classe

INTRODUÇÃO

A narrativa ficcional veiculada pelas telenovelas ocupa, no imaginário brasileiro, um lugar de notável centralidade, não somente enquanto produto midiático de larga difusão, mas como forma estética complexa, dotada de convenções próprias

e atravessada por disputas simbólicas. Embora comumente vinculada ao universo televisivo e ao entretenimento popular, a telenovela pode — e deve — ser pensada a partir de suas afinidades com o romance moderno, gênero que se caracteriza por sua abertura ao heterogêneo, à polifonia social e à representação das vozes conflitantes da vida cotidiana (Bakhtin, 2011). É nesse gesto de deslocamento conceitual que se inscreve a presente pesquisa: ao tratar *Rainha da Sucata* (1990), de Silvio de Abreu, como uma expressão narrativa que dialoga com a tradição romanesca, busca-se iluminar os modos pelos quais o texto dramatiza, estetiza e tensiona as contradições da modernidade periférica brasileira.

A motivação que orienta esta investigação reside na hipótese de que a personagem Maria do Carmo, com sua ascensão social marcada pela ostentação estética e pela dissonância cultural, figura uma chave interpretativa potente das reconfigurações simbólicas que atravessaram o Brasil nos anos 1990, especialmente no contexto da consolidação de um ethos neoliberal, da valorização do consumo como vetor de pertencimento e da redefinição das fronteiras de classe. Tal configuração não somente espelha, mas performa conflitos entre capitais econômicos e culturais, entre tradição e emergência, entre visibilidade e estigmatização — revelando, assim, como o campo ficcional se constitui como arena de embates ideológicos e pedagógicos sobre o prestígio e a legitimidade social.

Este trabalho tem, portanto, como objetivo analisar de que modo a personagem Maria do Carmo articula e dramatiza as representações da nova elite econômica brasileira, considerando os entrelaçamentos entre estética, classe e consumo mediados pelo discurso novelesco. A análise mobiliza referenciais de Pierre Bourdieu (2008), Néstor García Canclini (1997), Stuart Hall (2003) e Jesús Martín-Barbero (2003), em diálogo com a teoria literária, buscando compreender como a telenovela encena — e, ao mesmo tempo, interroga — os dispositivos culturais de legitimação da riqueza e do prestígio.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter interpretativo e abordagem analítico-discursiva, centrada na compreensão das representações simbólicas da ascensão social encenadas na narrativa de *Rainha da Sucata*. Assume-se aqui a telenovela como artefato cultural e forma narrativa legítima, sendo o corpus constituído por cenas selecionadas em que Maria do Carmo protagoniza interações reveladoras dos embates entre capitais econômico e cultural. O critério de seleção concentrou-se na recorrência de marcadores visuais, verbais e performáticos que evidenciem os contrastes entre *habitus* de classe, com atenção especial às oposições

simbólicas entre a protagonista e a elite tradicional, representada por Laurinha Figueroa. A análise orienta-se por categorias como performatividade da riqueza, estetização do gosto, estigmatização da mobilidade e codificação midiática da distinção.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao tratar a telenovela como narrativa literária, insere-se Rainha da Sucata no horizonte da tradição romanesca moderna, cuja marca distintiva, segundo Erich Auerbach (2007), é a capacidade de representar a complexidade social por meio da justaposição entre estilos elevados e cotidianos. Ainda que enraizada na linguagem televisiva e estruturada pela gramática melodramática, a telenovela constitui, como propõe Bakhtin (2011), um gênero dialógico atravessado por múltiplas vozes sociais, capaz de dramatizar tensões ideológicas e culturais.

Esse deslocamento conceitual — da telenovela como entretenimento à telenovela como artefato literário, originado do texto — permite compreender Rainha da Sucata como romance midiático, expressão narrativa situada que mobiliza convenções da ficção realista e, ao mesmo tempo, estrutura-se como arena simbólica de disputas sobre classe, gosto e distinção. Antonio Candido (2006) reforça essa perspectiva ao afirmar que a literatura participa da organização da experiência coletiva e da formação das sensibilidades sociais.

Para compreender os conflitos encenados na figura de Maria do Carmo, são mobilizadas categorias de Pierre Bourdieu (2008), especialmente suas formulações sobre capital cultural, habitus e distinção. A personagem, oriunda de um meio popular, ascende economicamente sem conquistar a inserção plena nos códigos simbólicos da elite, produzindo uma dissonância manifestada na linguagem, no corpo e no gosto. Tal fratura é performada esteticamente — não como falha, mas como excesso — e encontra resistência em estruturas de classe que operam, como observa Stuart Hall (2003), pela representação ambígua dos sujeitos subalternos: visibilizados, mas estigmatizados.

Nesse sentido, o consumo ostentatório e o desejo de legitimação social, como analisa Néstor García Canclini (1997), constituem práticas econômicas e estratégias de pertencimento cultural que, na personagem, colidem com a rigidez simbólica dos sistemas de prestígio. Por fim, ao compreender a telenovela como instância de mediação cultural, a partir de Jesús Martín-Barbero (2003), reconhece-se na narrativa

não apenas uma ficção dramatúrgica, mas uma enunciação social, situada, que articula o drama pessoal da protagonista às fraturas constitutivas da modernidade periférica brasileira.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A figura de Maria do Carmo, central na trama de *Rainha da Sucata*, encarna uma zona de tensão e ambivalência que atravessa o imaginário da ascensão social no Brasil pós-redemocratização. Filha de um sucateiro, educada até o antigo ginásio, ela assume a empresa do pai após sua morte, reergue o negócio com notável competência e transforma a “Do Carmo Veículos” e, posteriormente, a casa de shows “Sucata” em um império empresarial. Ainda jovem, é humilhada por Edu, paixão secreta de adolescência, durante o baile de formatura: ele e seus colegas de elite atiram lama sobre seu vestido e penduram-lhe uma placa nas costas com os dizeres “Rainha da Sucata”. Anos depois, é ela quem ascende à riqueza, enquanto a família dele mergulha na falência, reflexo das turbulências econômicas do governo Collor. Mas se a mobilidade econômica lhe abre as portas do mercado, não lhe franqueia o acesso pleno ao prestígio simbólico.

Com roupas chamativas, maquiagem carregada, acessórios ostensivos, gestualidade expansiva, voz estridente e léxico popular marcado pelo sotaque do interior paulista, Maria do Carmo carrega em si os sinais visíveis de uma origem que a elite insiste em deslegitimar. Conforme observa Pierre Bourdieu (2008), o capital econômico não garante, por si, o acesso ao reconhecimento social: é necessário dominar o *habitus* legítimo, que opera como senha invisível de pertencimento. Maria do Carmo, ao não se adequar ao *ethos* da contenção, da sutileza e da discrição típicos da elite tradicional, torna-se um corpo estrangeiro — visto, ouvido e tolerado, mas jamais acolhido.

Essa exclusão é dramatizada de maneira brutal no capítulo 47, quando Laurinha Figueiroa, símbolo da elite decadente, diz a Maria do Carmo: “Uma pessoa da sua classe, com seu comportamento espalhafatoso, sua maneira grosseira e suas expressões vulgares, nunca será aceita entre nós.” Tal discurso ilustra aquilo que Bourdieu denomina violência simbólica — a imposição de hierarquias sob a aparência de critérios neutros, como o gosto ou os bons modos. A distinção não é somente enunciada; é reiterada e naturalizada ao longo da narrativa.

Já no capítulo 53, o menosprezo é disfarçado de cortesia. Isabelle, cunhada

de Laurinha, comenta com ironia que Maria do Carmo possui “todas as características da primeira geração dos novos-ricos” enquanto Betinho, pai de Edu, se refere a ela como “Sucateira”. Mesmo quando é chamada pelo nome, o que se escuta é o eco do estigma. Stuart Hall (2003) adverte que os regimes de representação operam por meio de ambivalências: o outro é visibilizado, mas jamais autorizado a ocupar o lugar do mesmo. É essa lógica que impede que Maria do Carmo, mesmo milionária, seja lida como “uma de nós”.

A dimensão estética da exclusão se acentua no capítulo 55, quando Laurinha, após visitar a mansão da protagonista, afirma “É tanta bugiganga nos cantos da sala, santinhos, tapetes ordinários, bibelôs [...] pobreza é um estado de espírito.” Aqui, o espaço doméstico torna-se extensão do corpo da personagem e novo alvo de julgamento, tornando o gosto como uma arma simbólica de classificação (Bourdieu, 2008). Ainda que more em uma mansão, Maria do Carmo continua sendo lida como pobre, por consumir os objetos errados, combinar cores erradas e encher a casa de suvenires populares — signos que não se convertem em distinção, mas em caricatura.

Essa lógica é interiorizada pela própria personagem, que, fragilizada pelo desprezo de Edu, busca se reformular. No capítulo 68, declara a Isabelle: “Quero que o Edu tenha orgulho de mim. Quero ser fina. Quero ter o refinamento que ele exigem da mulher.” A tentativa de refinar-se não é um gesto de empoderamento, mas de apagamento. Trata-se da performatividade de uma identidade imposta, que Judith Butler (2015) descreve como moldada por normas que habilitam e, ao mesmo tempo, aprisionam. Maria do Carmo deseja ser a imagem que o outro espera, jamais o avesso. Muda a maquiagem, controla o tom de voz, aprende boas maneiras, mas nada disso é suficiente: permanece rejeitada.

A narrativa da telenovela revela-se como um romance midiático que articula, em sua tessitura dramática, múltiplas vozes sociais em tensão (Bakhtin, 2011), funcionando como um laboratório simbólico onde se encenam os impasses da ascensão social num país estruturalmente atravessado por hierarquias disfarçadas de sensibilidade. Rainha da Sucata evidencia, com precisão mordaz, não só o drama íntimo de uma mulher que anseia por reconhecimento, mas a própria ilusão do pertencimento em uma sociedade que celebra o êxito enquanto condena seus signos exteriores. Maria do Carmo é rica demais para ser ignorada, popular demais para ser aceita — e é nesse paradoxo que emerge a potência crítica e trágica de sua personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da personagem Maria do Carmo, sob a chave da teoria literária e sociológica, permite compreender a telenovela *Rainha da Sucata* como um artefato narrativo que encena, com acuidade crítica, as contradições da ascensão social no Brasil contemporâneo. Ao figurar uma mulher que conquista o capital econômico, mas permanece excluída dos espaços legítimos de reconhecimento simbólico, a narrativa evidencia os limites da mobilidade numa sociedade em que o pertencimento se estrutura por códigos estéticos, morais e linguísticos profundamente elitizados.

Ao deslocar o olhar sobre a telenovela para o campo da literatura, compreendendo-a como romance midiático de vocação social, reafirma-se seu potencial como forma expressiva que não apenas representa, mas interroga as estruturas do poder simbólico. A trajetória de Maria do Carmo, marcada por tentativa de pertencimento e rejeição reiterada, torna-se, assim, alegoria viva das fronteiras invisíveis que organizam o imaginário brasileiro — onde riqueza pode ser conquistada, mas legitimidade permanece, em grande medida, herdada.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Silvio de; Fernando, Jorge. **Rainha da Sucata**. São Paulo: Rede Globo de Televisão, 1990.
- AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BAKHTIN, M. **Gêneros do Discurso**: Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. . São Paulo: T. A. Queiróz, 2000
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- GARCIA CANCLINI, N. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.